



**INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

AMANDA SILVA DE SOUZA

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

ACARAPE-CE

2023

AMANDA SILVA DE SOUZA

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção de Título de Licenciado em Pedagogia.
Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira

ACARAPE-CE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Souza, Amanda Silva de.

S713e

A educação de jovens e adultos em tempos de pandemia: desafios e perspectivas / Amanda Silva de Souza. - Redenção, 2023.
46f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Ensino à distância. 3.
Práticas docentes. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 370

AMANDA SILVA DE SOUZA

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção de Título de Licenciado em Pedagogia.
Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira

Aprovada em: 03/07/2023

Nota: 8.0

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Luís Carlos Ferreira (Orientador – UNILAB)

Professora Dra. Izabel Cristina Dos Santos Teixeira (Examinador/a – UNILAB)

Professor Dr. Luís Eduardo Torres Bedoya (Examinador/a – UNILAB)

A Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço este trabalho primeiramente a Deus e a Jesus Cristo, sou muito grata por este presente maravilhoso que é a vida! Senhor, foste Tu que me ensinaste nesta vida que nada é impossível, que perante as dificuldades do mundo real quem acredita no teu amor encontrará o caminho da vitória e superação. Assim, meu Deus, a Ti dedico e agradeço por mais esta conquista que é a conclusão de mais uma graduação!

Em segundo, minha mãe Eronice Oliveira, que me ajudou muito em toda minha vida, me dando todo apoio necessário para que eu pudesse me tornar algo que ela não conseguiu em sua vida. Apesar de todas as dificuldades encontradas, ela sempre buscou fazer o possível e o impossível para me ajudar sem nunca medir esforços. Foram muitas adversidades que enfrentamos juntos e, para conseguirmos superá-las, o seu apoio, ao lado de meu pai Francisco Geraldo, foi fundamental em todos os momentos.

Agradeço aos meus filhos Davi Lucas e Arthur Souza, pois sem o amor de vocês, eu não saberia qual o significado de amor incondicional. Sem os cuidados de vocês, eu não teria a capacidade de cuidar sem esperar nada em troca. Sem vocês, eu seria tão pouco. O amor que sinto por vocês é maior que qualquer texto. Vocês são a razão de eu ser. De eu existir. De eu continuar vivendo e batalhando por um futuro melhor para toda nossa família.

A todos os familiares por nossas conquistas, vocês foram e são essenciais em cada instante da minha vida. Só tenho a agradecer pela parceria que formamos para a vida e pelo amor que trocamos todos os dias e que nossos sonhos se tornem realidade, vencemos!

Ao orientador Professor Dr. Luís Carlos Ferreira, grande intelectual da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), que foi de extrema importância no meu trabalho e é um profissional que eu particularmente admiro muito por sua capacidade e dedicação. Sua peculiaridade de tranquilizador foi primordial para avançar nos objetivos almejados. Graças a ele, consegui chegar onde estou.

Agradeço também a todos os meus amigos que me ajudaram até aqui, dentre eles posso citar: meu amigo Francisco Danierbes, grande companheiro nos estudos. Sempre que precisei de um ombro amigo foi você quem aparecia e me apoiava incondicionalmente. Sem você e sem suas palavras de conforto, sem seu olhar tranquilizante, eu não seria tão feliz dentro desse processo tão exaustivo que é a conclusão de curso! Agradeço por tudo, amigo! Agradeço também a Lene Almeida e Mayara Furtado. Sou grata a Deus por terem vocês.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação acadêmica, o meu muito obrigado.

“Escrever e dar aulas. Produzir conhecimento e compartilhá-lo. Por que transmitir normas e proclamar saídas já prontas, em vez de forjar e construir uma linguagem viva? A alegoria da pedra, que me acompanha no movimento da escrita, tem vários sentidos. Pois o que resulta quando quebramos uma pedra? Ínfimas pedras que rolam. Infinitas formas que surgem: do granito a uma forma lapidada; da avalanche que bloqueia a passagem aos seixos suaves que se mexem na correnteza e que ajudam a fazer correr o rio. Erosão. A pedra é parte e todo. Cada estilhaço pode tudo conter. Simboliza a dureza destruída e representa a construção possível. A beleza.”

(Sonia Kramer – Por entre pedras: sonho e arma na escola)

RESUMO

O presente trabalho visa identificar as dificuldades no ensino remoto que impediram os estudantes da EJA de acompanharem as aulas diariamente, e que, possivelmente, resultaram na exclusão e/ou desistência desses corpos [mais uma vez] de buscarem a educação escolar. Intenta ainda investigar os conceitos atrelados à educação em tempos de isolamento social, tais como: ensino híbrido, EAD e ensino remoto, identificando quais são as dificuldades enfrentadas pelo docente no ensino remoto. Através de uma pesquisa bibliográfica em livros e outras publicações periódicas buscamos refletir sobre educação a partir de Freire (1987; 2000; 2013), Cury (2008), Rummert (2005), Castel (2000) e Algebaile (2013) dialogando com alguns artigos escolhidos relacionados à temática EJA. O método utilizado será qualitativo, com análise bibliográfica de estudos publicados sobre a respectiva temática. A partir da análise de dados buscaremos perceber quais dificuldades no ensino remoto impediram os estudantes da EJA de acompanharem as aulas diariamente, e o que resultou na exclusão e/ou desistência desses corpos de buscarem a educação escolar.

Palavras-chaves: Educação. Jovens e Adultos. Ensino Remoto. Práticas Docentes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
MEMORIAL EDUCATIVO.....	15
1. CAPÍTULO 01: UMA EJA DE MUITAS EXCLUSÕES INCLUDENTES, NA PERSPECTIVA DO ENSINO PRESENCIAL.....	20
2. CAPÍTULO 02: A EJA NA PANDEMIA E SEUS EFEITOS COLATERAIS DO ENSINO REMOTO.....	23
3. CAPÍTULO 03: O COTIDIANO ESCOLAR DA EJA CARREGADO DE DESAFIOS.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte da necessidade de refletir acerca da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em tempos de isolamento social gerado pela emergência sanitária da COVID-19¹ e localizar através de estudos já publicados as dificuldades mais recorrentes que impediram os sujeitos da EJA de acompanharem as aulas no período remoto. Pressupomos que as dificuldades vividas pelo processo de isolamento social, na educação, estiveram atreladas a falta de dispositivos eletrônicos conectados a uma rede de conexão, apoio escolar e/ou fatores que interferiram no processo pedagógico.

A motivação que dá base para realização da pesquisa justifica-se pela minha condição de mulher, mãe e filha de pais que frequentaram a modalidade EJA em uma das escolas de Redenção-CE anos atrás. Sei por experiência própria como é desafiador se manter dentro da sala de aula em modelos regulares, ainda mais quando o foco é o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), que merece mais investigações no campo da educação brasileira. Reconheço, também, as experiências vividas ao longo do meu percurso acadêmico me deixaram mais apaixonada pela educação e a entender o quão importante são na minha vida e de vários outros sujeitos.

No estado Ceará, a cidade de Redenção está numa região mista, composta por várias cidades e grandes campos rurais que a rodeiam. Uma cidade movida por estudantes não somente da própria região, como também de todas as localidades do Brasil e Países Lusófonos² que compõem atualmente o quadro acadêmico da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB³), tais como: Angola, Cabo Verde, Timor-Leste, Moçambique, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe.

São inúmeros fatores que podem fazer um sujeito desistir da sala de aula como a questão financeira e social e, em contextos pandêmicos foram ainda mais perversos. Na pandemia da COVID-19 vários desafios para a vida em sociedade, impuseram certas mudanças na realização e funcionamento da educação escolar. Sabemos que no Brasil existem muitos estudantes em situação de vulnerabilidade social e precisam trabalhar para ajudar seus pais e a família, custeando gastos básicos e necessários dentro de suas residências, o que muitas vezes acabam abandonando os livros e optando por mercado de trabalho, quase sempre precarizado e sem as garantias e direitos da profissão.

¹ Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade, que vem assolando o mundo todo nos últimos dois anos.

² Conjunto de países falantes do Português, como: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, entre outros.

³ Universidade Brasileira alinhada à integração com os países membros da comunidade dos países de língua portuguesa (CPLP). Reconhecida como Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

No caso, a impossibilidade de garantir práticas educativas e aprendizagem em tempos de ensino remoto, consequência da migração da sala de aula presencial para o mundo virtual, conectado por grandes cabos de rede, obrigaram o manuseio de ferramentas que antes eram desconhecidas e passaram a adentrar os muros escolares com um simples clique na tela do celular. Esses e tantos outros motivos fizeram com que o ensino remoto nas escolas ganhasse forma e se intensificasse com o fechamento das escolas pelo grande índice de infecções causadas pelas novas mutações⁴ do coronavírus no mundo.

A partir dessa constatação, o presente estudo tem por objetivo identificar as dificuldades no ensino remoto mais recorrente que impediram os sujeitos da EJA de acompanharem as aulas e que, possivelmente, resultaram na exclusão e/ou desistência desses corpos [mais uma vez] de buscarem a educação escolar. De modo mais detalhado, podemos refletir sobre as situações que levaram os sujeitos da modalidade EJA, a interromperem seus estudos no ensino remoto, além de pretendermos conhecer os percalços cotidianos que os estudantes enfrentaram para realizar as atividades escolares.

Esperamos chamar atenção para os graves desafios que enfrentam os educadores e educandos com o ensino remoto vividos na modalidade de ensino de Jovens e Adultos. Dessa forma, a pesquisa deve subsidiar e colaborar com as políticas públicas da educação na sociedade atual, tendo em vista que o Brasil com maiores índices de analfabetos, a EJA surgiu como uma nova oportunidade de inclusão à sociedade, uma grande alternativa para que o sujeito que não adentrou aos muros escolares na modalidade regular por diversos fatores, possa retornar ao campo da educação. (BARCELOS, 2006).

A pandemia da COVID-19 nos surpreendeu em todos os sentidos. A alta capacidade de transmissão do vírus fez com que buscássemos em pouco tempo novas formas de trabalhar e, principalmente, estudar. No campo da educação, a realidade dos novos tempos está bastante diferente, desafiadora e que exige o uso de novas ferramentas digitais para a transmissão de conteúdo, ao mesmo tempo em que exige do professor estar preparado para trabalhar em rede com as novas metodologias adotadas dentro das escolas.

Foi preciso que todos se debruçassem sobre novas práticas de ensino, para dar conta da demanda. Em todo o território brasileiro vimos um movimento muito bonito, intenso e

⁴ Modificações nas proteínas do vírus, alterando sua capacidade de infecção, de transmissão e de causar doença grave. Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já identificou cinco variantes de grande preocupação do vírus. Além disso, existem outras duas variantes em estudo e sete cepas sob vigilância mundial, são elas: Alfa, Beta, Gama, Delta, Ômicron, Mu e Lambda. Estudos científicos publicados em 2022 apontam que a variante Delta é a mais transmissível, gerando maior risco de hospitalização e de reinfecção.

forte nesse sentido. Nos primeiros meses, percebemos muitas falhas na comunicação e interação, especialmente entre os estudantes de zonas rurais e localidades afastadas dos centros urbanos que necessitavam de equipamentos eletrônicos e de uma rede de internet para estabelecer vínculo com suas instituições.

Muitas das vezes esses estudantes não conheciam, não foram e/ou estavam preparadas para o uso efetivo desses aparelhos. Enquanto outros se preparavam para comprar um dispositivo móvel, os impactos da pandemia aceleraram, deixando milhares de famílias brasileiras sem ter o que comer, fazendo com que largassem os cadernos para garantir o sustento da própria família. A escola, de fato se tornou uma realidade distante para esses estudantes que ficaram invisíveis a esse modelo de ensino proposto durante a pandemia.

Mediante o exposto, surgiram questionamentos que nortearam esta pesquisa: *Quais os problemas no ensino remoto mais recorrentes que impediram os sujeitos da EJA de acompanharem as aulas e que, possivelmente, resultaram na exclusão e/ou desistência desses corpos [mais uma vez] de buscarem a educação escolar?* Outras indagações também podem contribuir com subsídios à resposta da problematização. Como exemplo, temos: *Como será o campo educacional pós-pandemia? Formações complementares podem ser exigidas para a realização de um ensino híbrido? Todo o conteúdo desenvolvido e trabalhado está relacionado ao mundo e a realidade em que nos encontramos atualmente? Quais ferramentas podem ser adicionadas ao processo de ensino aprendizagem?* Todas essas inquietações surgem ao pensar o docente após todas essas transformações em seu campo de trabalho.

No intuito de responder as inquietações e obtenção dos resultados, formulamos como objetivo geral: Identificar as dificuldades no ensino remoto que impediram os estudantes da EJA de acompanharem as aulas diariamente, e que, possivelmente, resultaram na exclusão e/ou desistência desses corpos [mais uma vez] de buscarem a educação escolar.

O estudo teve como objetivos específicos: Investigar os conceitos atrelados à educação em tempos de isolamento social, tais como: ensino híbrido, EAD e ensino remoto, identificando quais são as dificuldades enfrentadas pelo docente no ensino remoto; Problematizar a identidade dos educadores da EJA, analisando suas práticas na construção de uma formação humana dentro das instituições de ensino, principalmente quando os sujeitos (alunos) são jovens e adultos, na utilização das tecnologias no campo educacional, sobretudo, em tempos de isolamento social; Especificar como as escolas prepararam os seus docentes para o ensino remoto e/ou híbrido.

Lembro-me que durante a realização do Estágio Supervisionado em EJA oferecido pela UNILAB de forma remota, considerei uma etapa de descobertas e de aquisição de

conhecimentos e aprendizagem na prática, sobretudo, por ser um universo desconhecido do que estávamos acostumados anteriormente no modo presencial. Durante todo esse período o governo brasileiro não levou em conta a exclusão digital que ocasionara a essas crianças e adolescentes em todo o país, não levando em conta as milhares de realidades existentes, o que fez com que ficássemos desconectados dessa alternativa de ensino proposto pelos estados e pelos municípios durante a pandemia.

Nos dias atuais, a educação é um dos caminhos de libertação e ascensão do sujeito na sociedade, de ter novas oportunidades, de se especializar e conseguir um destaque no mercado de trabalho, por fim, de ter uma vida digna. Nessa etapa, é importante entendermos que a educação é um processo e, no caso mais concreto que temos vivido com a pandemia da COVID-19, cujo lema naquele momento era “vacina no braço e comida no prato⁵”, para se ter condições de ficarmos em nossas residências e se resguardar das ameaças perversas que esse vírus vem nos causando.

Ainda dentro do Estágio Supervisionado em EJA realizado em 2021 havia muitos estudantes ausentes das aulas remotas e o professor responsável pela turma vinha notificando semanalmente a ausência para o núcleo gestor. Diante disso, o seguinte trabalho de conclusão justifica-se por buscar motivos que levaram à ausência desses estudantes na realização das atividades escolares. Tendo em vista as mudanças do ensino durante os últimos anos, a evasão se caracteriza pelo abandono da sala de aula, por motivos de trabalhos diurnos, tais como: indústrias, domésticas e entre outras razões.

Com a chegada da pandemia, esse cenário tornou-se ainda mais perverso, sendo justificado pelo fato da instituição, em todos os seus níveis não atender as necessidades de seus alunos, atrelada a não-qualificação e despreparo dos profissionais para/com as novas ferramentas tecnológicas inseridas no campo educacional como nos traz os escritos de OLIVEIRA (2021):

“[...] diante dessa pandemia teve que se reinventar, pois não estava preparado e nem capacitado para um ensino através de ferramentas tecnológicas. Com essa modalidade de ensino que implica no distanciamento geográfico de professores e alunos pelas instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não sejam interrompidas, o ensino das aulas ocorre num tempo síncrono

⁵ O lema ganhou força no atual contexto político em que as vacinas foram negligenciadas pelo governo Bolsonaro (2018-2022), enquanto milhares de pessoas foram acometidas dia a dia, com altos números de mortes. O desemprego foi um grande aliado do vírus que impediu muitos trabalhadores de saírem de casa e garantirem sustento básico. 03 de Julho de 2021 foi marcado por um ato massivo nas ruas de todo o Brasil contra o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro devido às denúncias de corrupção do governo federal.

(acompanhando os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de webconferência [...]” (OLIVEIRA, 2021, p. 01).

Diante disso, lançamos mão da pesquisa com o intuito de ampliar a discussão sobre a temática no âmbito acadêmico e apontar novos caminhos para a prática dos professores e professoras, com vistas ao ensino remoto. Acredito que a realização do estudo poderá ajudar na compreensão da maneira como a escola, seus profissionais e alunos se comportaram diante da realização do ensino remoto, em meio às dificuldades dentro de nossas residências como em um simples sinal de internet, falta de aparelho de telefonia celular e/ou computador que interferiram, em grande parte, na realização das atividades remotas.

Assim, metodologicamente utiliza-se a pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfico, para identificar as dificuldades no ensino remoto que impediram os estudantes da EJA de acompanharem as aulas diariamente, e que, possivelmente, resultaram na exclusão e/ou desistência desses corpos [mais uma vez] de buscarem a educação escolar.

Para fundamentar o estudo, buscamos os escritos de Paulo Freire (1987; 2000; 2013), com a *Pedagogia do Oprimido* com a *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*; Carlos Roberto Jamil Cury (2008) com a educação básica como direito dialogando com os estudos ligados à modalidade de Jovens e Adultos; Sonia Rummert (2005); Robert Castel (2000) e Eveline Algebaile (2013), com as políticas de gotejamento voltadas para os prejuízos acarretados pela falta de investimento na área.

A estrutura da presente monografia é composta de uma introdução, onde indicamos os caminhos percorridos que levaram a escolha deste tema de pesquisa para o encerramento de conclusão de curso, com seus objetivos e metodologia, um memorial educativo relatando toda minha trajetória escolar desde o Ensino Infantil aos dias atuais na Universidade, possui ainda três capítulos estruturados a partir dos subtítulos descritos a seguir:

Capítulo 1: Uma EJA de muitas exclusões includentes, na perspectiva do ensino presencial, onde discutimos seus avanços e desafios, trazendo um pouco seu contexto histórico, sua evolução dentro do campo educacional, além de trazeremos um pouco de política e educação para explanarmos algumas leis e diretrizes presentes dentro da modalidade;

Capítulo 2: A EJA na pandemia e seus efeitos colaterais do ensino remoto, onde identificamos os desafios do ensino remoto, o agravamento da desigualdade social e refletindo sobre os novos caminhos a serem percorridos dentro desse novo formato de ensino.

Capítulo 3: Dificuldades no ensino remoto que impediram os estudantes da EJA de acompanharem as aulas diariamente, onde discutimos os possíveis problemas que resultaram

na exclusão e/ou desistência desses estudantes [mais uma vez] de buscarem a educação escolar, assim como alguns problemas que também dificultaram o trabalho docente.

Por fim alguns apontamentos de conclusão, onde ressaltamos de mais significativo a partir dos dados coletados. Encerramos com as referências utilizadas.

MEMORIAL EDUCATIVO

Quem sou eu?

Confesso que não foi fácil produzir estes escritos, uma pesquisa estruturada a partir de minhas vivências, isto é, da minha trajetória de vida e tudo isso me trouxe a tona momentos que estavam guardados a sete chaves, não por se tratarem de coisas boas e ruins, mas que preferi guarda-los para em um momento oportuno solta-las como folhas sendo sopradas pelos ventos, indo em direção ao horizonte. Ao optar escrever um memorial educativo para compor as primeiras laudas desta monografia, ideias foram surgindo e recordações desde os meus primeiros anos de vida foram voltando como flash de uma câmera a registrar o que os nossos olhos não podem armazenar, sentada na calçada com o notebook nas pernas registro as primeiras lembranças a serem compartilhadas neste documento.

Refiro-me a recordações que são muitas e dispersas e, ao lembrar-se de uma recente, automaticamente surgem milhares de outros episódios afetivos e, ao mesmo tempo, angustiantes, feito um emaranhado de linhas na qual meu gato de estimação costuma brincar durante as tardes ou como pequenos flocos de açúcar dentro de uma panela em alta temperatura, mas que não se desgrudam e viram calda naquele mesmo formato. Meus pais e avós sempre falam em conversas de família que meu nascimento foi uma das experiências mais emocionantes na vida deles e mergulhar todas as vezes que mencionavam o meu nascimento, lhes traziam grandes lembranças com uma carga emocional muito forte.

Vim ao mundo no dia 20 de setembro de 1995 e mesmo sem lembrar nada me pego emocionada com lágrimas nos olhos só de lembrar e, para escrever estas palavras, volto no tempo com esse momento marcado por gratidão e felicidades, assim meus pais descrevem toda vez que contam sobre o episódio do nascimento. Com 3 quilos, 300 gramas e 50 centímetros meus pais me definiam por inteiro, com muita saúde, em perfeitas condições e com olhos brilhantes. Todos em prantos no final da sala de cirurgia em Redenção-CE. Choro abundante e permitido. Nada mais era importante. Somente estar ali, comigo. O cheiro, a música e os sorrisos foram pontos jamais esquecidos em suas memórias.

Momentos esses que nenhuma máquina fotográfica de última geração poderia registrar. A rádio no fundo daquele hospital naquele dia tocava Lionel Richie – Say You, Say Me – e o quarto pareceu o lugar mais perfeito do mundo, não é à toa que atualmente seja a música preferida dele (meu pai), fator nunca questionado mesmo com tantas repetições, mas veio à tona durante a realização dessas escritas.

Como parte do plano de parto, foi cortado o cordão umbilical que me conectava ao corpo de minha mãe, recebi o primeiro banho e me senti viva. Em momentos como esse nos damos conta de como a vida é uma benção. Atualmente, possuo 27 anos, sou natural de Redenção-CE, filha única, casada e mãe de dois meninos. Sou estudante do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia desde 2017 e minha escolha no caminho da educação se entrelaça em meio a tantas vivências.

Anos Iniciais

Durante toda a minha infância fui ensinada a viver na simplicidade, mas com o apoio e carinho de todos os familiares. Meus dias eram resumidos a brincadeiras, nada me preocupava a não ser qual seria a brincadeira do próximo dia ou qual sabor de suco seria no almoço quando eu retornasse da escola às 11h da manhã. Todo finalzinho de tarde me reunia na calçada com as demais crianças da rua para brincarmos seja qual brincadeira fosse: cantigas de roda, queimada, pular elástico, pular corda e por último o tiro com arco.

Desde muito cedo, o interesse pelos esportes foi muito forte e o gostar de praticá-los contribuíram para a escolha de um dos esportes que pratico atualmente nos momentos de lazer: vôlei, momento que me faz sair da rotina pesada da semana ou do mês, os encontros não são frequentes, mas quando acontecem a sensação é de dever cumprido. O segundo ponto importante pela minha escolha profissional foi a presença marcante da minha tia enquanto pedagoga desde 2004 e as experiências das aulas em minha escola.

Meu processo de escolarização se iniciou na Educação Infantil, onde aprendi diversas coisas, principalmente, vários tipos de brincadeiras na qual eram reproduzidas na rua com os colegas vizinhos. Ainda em minha infância, no ensino fundamental, por não ter quadra realizávamos nossas aulas de Educação Física em um espaço improvisado. Às vezes aconteciam no terreno de chão batido e outras vezes íamos para a quadra da praça do bairro.

Adentrando ao Ensino Médio

O ano de 2014 foi um pouco mais problemático para conciliar as atividades esportivas, as aulas, as viagens e o pré-vestibular. Tornou-se difícil administrar o tempo com todas essas atividades, principalmente quando recebi a notícia de que seria mãe nos próximos meses, então tive que priorizar meus estudos e as demais atividades passou a ser somente aos fins de semana ou no fim de cada mês.

Essa escola de nível médio era muito envolvida com projetos sociais, programas na qual criei um deles para auxiliar os jovens na preparação para o vestibular tradicional e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Ao longo de todo o ensino médio participei de várias feiras, tais como: de ciência, da profissão e um seminário integralizador, o primeiro era sobre a criação de um protótipo mecânico de uma cadeira de rodas adaptada, o segundo sobre a profissão do pedagogo (a) e o terceiro era na área de geografia, abordando os abalos sísmicos. Por último e o mais especial o festival de leitura, cultura e arte em que eram apresentações teatrais com base nas obras literárias brasileiras.

Todos os projetos desenvolvidos na instituição em que me fiz parte ainda continuam em vigor, de acordo com algumas informações de alunos que atualmente são matriculados na mesma, esses são divididos entre os bimestres do ano letivo. Para a nova geração de profissionais da educação é importante trabalhar dentro dos muros escolares novas atividades pedagógicas, e dentro dessas memórias podemos perceber que é uma experiência educativa muito importante nessa transmissão de conhecimentos, e que, portanto, o/a professor/a é o/a principal mediador/a dessa aprendizagem.

Tudo se modifica e sofrem transformações com o passar do tempo, tudo é novo, ao mesmo tempo, tudo é volátil e o indivíduo que não tem tempo, nada irá lhe acontecer, desse modo, como não podemos parar, nada vai acontecer e como as palavras estão marcadas pela outra, não irá gerar experiência. Se for ao caso de uma vivência, experiência é um fato ocorrido em sua vida em que você se envolve, deposita expectativas, emoções e sentimentos. Ela toda nossa vida e cada vez que reparamos em um símbolo que represente algo, iremos fazer assimilações em relação à mesma, desenvolvendo e estruturando memórias que contribuem para nossas escolhas.

Chegando a Universidade – Um Terreiro de Diversidades

Em meu primeiro vestibular prestado para a Universidade Estadual do Ceará (UECE) optei pelo curso de medicina, um curso e uma profissão que era o sonho do meu pai, foi uma decisão meio difícil, pois as minhas perspectivas e projetos para a minha vida pessoal e

profissional eram outras, devido as minhas experiências no meio educacional, pretendia aprofundar meus estudos e conhecimentos na área. Entretanto, realizar a vontade do meu pai era prioridade naquele momento, pois afinal ele sempre fez tanto pela família porque não tentar fazer algo por ele? Sei que era uma decisão errada a ser tomada, mas optei por tentar. Não obtive pontuação exigida para a segunda fase e fui desclassificada.

No começo de 2017 utilizei minha nota do ENEM na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) para o curso de Bacharelado em Humanidades, visando o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia como segundo ciclo. Chegar à universidade é uma etapa muito difícil e emocionante na vida de todos. Sem dúvidas, um dos dias mais felizes da minha vida. Os muros universitários é um mundo totalmente diferente do que eu pensava, foi muito impactante meu primeiro momento, senti uma independência tremenda ao entrar pela primeira vez lá.

Saí de um ambiente que envolvia crianças e adolescentes, fui para outro onde tinha adultos nacionais e estrangeiros. Um mundo cheio de conhecimentos diferentes, de pessoas diferentes e muitas com anos de experiência. Inteligência, independência, conhecimento, autenticidade e experiência. Essas são palavras que definem meu contato com a Universidade, localizada na cidade de Acarape-CE e Redenção-CE, sendo pertencente à região do Maciço de Baturité, possuindo três campi: Palmares, Liberdade e Auroras.

Com cursos diurnos, vespertinos e noturnos. Pensei *“agora sim, o primeiro membro da família a adentrar em uma universidade, uma garota pobre, que não teve muito apoio financeiro, foi aprovada em uma Universidade Federal”*. Depois de tudo o que eu havia passado para chegar à faculdade foi emocionante! Ao ingressar na universidade, foi preciso mudar meu comportamento e enfrentar as mudanças que a vida me propôs para ter um bom desempenho acadêmico, necessário estar bem consigo mesma e com aquilo que amamos.

De forma habitual, esse amor que tenho pela área educacional, antecede a minha entrada a universidade, uma trajetória árdua como mencionado acima e que muitos fracassam, e que nesses dias atuais, ainda não continua sendo fácil. Acredito que habitar locais que evoquem elementos da cultura de origem como a nossa universidade proporciona, aproximando brasileiros e estudantes de países lusófonos podem colaborar no processo de interação entre nós universitários e que podem ajudar também a romper com estereótipos negativos levantados socialmente sobre os corpos pretos desde a formação de nosso país.

Nesse novo espaço foram vivenciadas novas histórias e conceitos diferentes. Temos a oportunidade de alçar voos dentro de nossas próprias comunidades. Não poderia deixar de falar nessa narrativa sobre integração, pois ela é de extrema importância dentro da

universidade, é o principal objetivo de nossa universidade. O companheirismo e amizade entre docentes e discentes ultrapassam o ambiente da sala de aula, o que se porta como um diferencial, somada de uma excelente estrutura e qualidade de ensino. Um lugar incrível para tornar seu sonho realidade. Aqui não há apenas a qualidade de ensino, mas também o desenvolvimento do ser humano como um profissional completo.

Ao chegar no 4º semestre do curso de Pedagogia optei por cursar a componente de Ensino da EJA – Jovens e Adultos seguindo o fluxo da componente de Estágio em EJA nos Países da Integração com o Professor Dr. Luís Carlos Ferreira, compondo atualmente o quadro de docentes do Curso de Pedagogia da UNILAB. Este foi o primeiro estágio de toda uma gama a ser realizado para feitos de conclusão do curso, o que me proporcionou certa curiosidade a respeito da educação de jovens e adultos na educação brasileira, levando-me a uma reflexão sobre o campo: *por quê? O que precisa ser feito? O que já é feito?*

O estágio em EJA foi um ponto de partida para as descobertas que estavam por vir, assim como na absorção do conhecimento na realização da prática, pois a partir dela pude aprender sobre esse campo, adquirindo novas experiências, propondo assim, um melhor envolvimento com a realidade e tudo que se encontra a nossa volta. Diante da realidade dos dias atuais, a pandemia da COVID-19 nos trouxe vários desafios desde os primeiros meses de 2020, como também, possibilitou certas mudanças de se realizar e/ou funcionar o eixo educacional. Com isso, nós como pedagogos (as) precisamos estar sempre atualizados e com uma visão de inovação.

Reinventar toda a questão metodológica e a forma de ensinar nunca foi e não vem sendo fácil para os docentes. Em meu ser, a educação é vista como uma área que pode caminhar em união com todas as outras que buscam uma educação de melhor qualidade e, se possível, de forma ainda mais ampla, um mundo cada vez melhor. Decidi-me seguir na área de educação de jovens e adultos, então busquei pesquisas e concluí que meu trabalho de conclusão seguiria esse rumo, produzindo sobre essa área e discutindo sua importância em nossa sociedade contemporânea.

O primeiro passo foi estabelecer contato com o Professor Dr. Luís Carlos Ferreira, atribuindo-lhe o convite a ser meu orientador, seguido de breves explicações sobre o trabalho a ser desenvolvido e apresentado. Para os devidos fins de formação, em uma sociedade contemporânea em que tudo se transforma é necessário formar pedagogos (as) autônomos (as) que sejam capazes de ensinar em todos os níveis. Por fim, esperamos que o compartilhamento de escritas e vivências, possamos repensar algumas ideias do campo educacional e fortalecer o papel das relações essenciais e contínuas desse local (escola) que vive para dar sentido.

CAPÍTULO 1: UMA EJA DE MUITAS EXCLUSÕES INCLUDENTES, NA PERSPECTIVA DO ENSINO PRESENCIAL

A gente passa por grandes dificuldades, acorda cedo, acompanha os (as) filhos (as) até a escola, vai trabalhar, chega tarde, cansada, mas o que eu puder fazer para continuar estudando eu faço...

A educação é a única potência mundial capaz de regular e estimular o processo de desenvolvimento humano e da personalidade humana, impactando na competitividade econômica ao mesmo tempo em que contribui para a construção de uma sociedade comprometida com mais equidade e justiça social, ainda por cima, que trate as diferenças como um fundamento principal, garantindo assim, um futuro melhor para todos, convivendo de forma livre e harmoniosa. (CURY, 2008).

O acesso à educação é um direito universal garantido dentro da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), que se encontra estreitamente conectada ao pleno exercício da cidadania. Além disso, a educação é responsável pelo desenvolvimento social de nossas crianças e adolescentes, agindo de forma positiva na melhoria de cada cidadão, como nos revela em seus escritos, especificamente em seu Artigo 26:

“1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito. 2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz”. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948, p. 06).

Em nosso país – Brasil, esse direito é assegurado em todo o território pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte em 22 de setembro de 1988, sendo um dever exclusivo do Estado em garantir aos seus cidadãos todos os direitos que nela consta. A educação é vista ainda dentro da Constituição como um dos principais instrumentos de melhoria das condições sociais, tais como: violência, a alienação, a miséria, as desigualdades sociais, de gênero, entre outros, sendo estabelecida em seu Capítulo III como um direito de todos e dever do Estado e da família, observado a partir do que encontramos no artigo 205:

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais [...]”. (BRASIL, 1988, p.135- 136).

Somente com essas garantias de direito reveladas acima, percebemos que a educação nos torna sujeitos pensantes, nos promovendo um pensamento crítico e reflexivo para compreendermos o meio em que vivemos, influenciando em nossa capacidade de se relacionar em sociedade, interpretar informações, lidar com nossas próprias emoções, tomar decisões e, até mesmo, conquistarmos um sucesso pessoal e/ou profissional.

Embora tenhamos visto que a educação seja reconhecida tanto dentro das normas da Declaração Universal dos Direitos Humanos e assegurada nacionalmente dentro dos parâmetros da Constituição de 88, milhares de cidadãos brasileiros continuam fora da sala de aula sem conseguir plenamente de seus direitos assegurados em ambas as leis, nacionais e internacionais. A desigualdade social por ser um problema histórico e estrutural herdado desde o período colonial vem se alimentando cada vez mais com o passar dos anos acarretado pela má distribuição de renda, nos levando a ficar em condições estruturalmente mais vantajosas do que outros e, toda essa configuração nos permite acumular mais riquezas em detrimento dos demais cidadãos. (CASTEL, 2000).

No contexto educacional, essas desigualdades acabam dificultando nosso acesso à educação, principalmente quando falamos de áreas rurais e periferias urbanas, e a exemplo da necessidade de um transporte público para o trajeto entre as residências familiares ao portão principal da escola, outros acabam se submetendo a grandes jornadas de trabalho para ajudar a família na manutenção das necessidades básicas, violência física e psicológica são alguns dos problemas que afastam muitos dos muros da escola.

Esse distanciamento ocorre, muitas das vezes, como efeitos de uma sociedade globalizada, responsável pelo grande aumento econômico, tecnológico e social de alguns países, ao mesmo tempo em que, por outro lado, contribui para o aumento da pobreza em outros países, gerando um número de pessoas excluídas cada vez maior. Por isso, o trabalho acaba se tornando a única forma de garantirmos a nossa sobrevivência dentro desse sistema, já que ele é necessário para financiar bens como: saúde, alimentação, habitação entre outros fatores, sendo uma atividade socialmente útil, como a seguir dentro dos escritos de CASTEL,

“A falta de trabalho não significa que o trabalho não é importante, mas sim que precisa ser compartilhado, para que um máximo de pessoas possam se vincular a um mínimo de trabalho, às proteções que até agora estiveram vinculadas ao trabalho. Não vejo nada que hoje possa substituí-lo. Pode ser que daqui a dez ou vinte anos inventemos alguma outra coisa que não o trabalho para construir uma identidade social. Porém, é no hoje que precisamos pensar, e a situação está apodrecendo. E é por isso que defendo a posição de que não podemos abandonar a questão do trabalho e devemos continuar questionando se é possível controlar esse processo de desagregação da sociedade salarial. Sei que não é fácil, mas creio que não é impossível”. (CASTEL, 2000, p. 263).

Como vemos acima, o trabalho é um meio de produção e manutenção de nossas vidas, fazendo com que busquemos muito cedo atividades laborais para continuarmos lutando por nossa sobrevivência e dos demais que compõem o nosso grupo familiar, o que acaba nos distanciando da educação na infância. Estar fora dos muros escolares, em idade em que a sociedade nos esperaria que desenvolvêssemos habilidades e competências necessárias para nossa inserção no mercado de trabalho e na vida cidadã, representa um cenário bastante perverso de forte exclusão social. Por outro lado, não basta estarmos somente dentro da escola se nela não se tem garantido o direito de aprender.

Atualmente, consideramos a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como o nível máximo do retrato das desigualdades sociais e econômica do nosso país. Tudo isso porque ela foge dos parâmetros comuns do qual estamos acostumados a lidar em nosso cotidiano dentro das salas de ensino regular. Ela nos mostra de um lado toda a realidade de um ambiente excludente perante as diversidades encontradas dentro dos espaços escolares ao mesmo tempo em que nos garante o direito à educação, de frequentarmos a sala de aula independentemente da nossa idade. Mas não é somente isso que a diferencia do ensino regular, pois essa modalidade ainda carrega a responsabilidade de promover a nossa inclusão já que sofremos por inúmeros fatores enquanto ainda frequentávamos o ensino regular.

Dentro dos parâmetros educacionais, a EJA surge dentro da Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN) 9.394 de dezembro de 1996 como uma modalidade da educação básica, possuindo etapas no Ensino Fundamental e Médio, sendo destinada a todos aqueles que, por algum motivo, se afastaram dos muros da escola, como vemos a seguir:

“Artigo 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. § 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus

interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. § 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. § 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. Artigo 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. § 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos. § 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames”. (BRASIL, 1996, p.12).

Como nos mostra a Seção V referente à Educação de Jovens e Adultos, a LDBEN nos garante o acesso à sala de aula dos que se afastaram dela, proporcionando oportunidades educacionais apropriadas, que leve em conta interesses, conhecimentos vivenciais erguidos a partir da jornada de vida, entre outras particularidades. Toda essa criação deve-se, inicialmente, ao público-alvo atendido na modalidade de ensino, não somente pelo acesso, como também a permanência e a continuidade dos estudos de todos aqueles que não iniciaram e/ou interromperam o processo educativo escolar em algum momento da vida.

Dentro dos muros da EJA, nossas histórias costumam ser semelhantes e/ou até mesmo iguais aos dos colegas, como por exemplo, quase todos somos marcados por uma história de fracasso e/ou exclusão vivenciada em algum espaço-tempo de nossas vidas, seja no ambiente escolar ou fora dele. É bastante comum compartilharmos em algum momento a causa que nos levou a nos afastar de vez dos estudos, no caso de comunidades rurais como a nossa, o motivo mantinha-se na necessidade de ajudar nossos pais na agricultura, muitas das vezes, fator esse agravado pela distância entre nossa residência e o portão principal da escola, desencadeado por uma falta de um sistema de transporte.

Outro motivo bastante comum se deve às divergências entre a organização das escolas e suas práticas pedagógicas desenvolvidas, gerando conflitos, conseqüentemente, num sentimento de incapacidade e baixa autoestima. Mediante o cenário, ao tentarmos reatar as conexões interrompidas no ensino regular dentro da modalidade de ensino EJA, não podemos encontrar um espaço escolar que continue a reproduzir práticas que tendem a excluir, muito pelo contrário, a sala de aula da modalidade EJA deve ser organizada de maneira a garantir todos os direitos contidos na seção V de sua criação, no sentido de que todas as nossas experiências adquiridas ao longo de nossas vidas fossem validadas, contribuindo para a construção de um espaço acolhedor, o que aumenta as chances de permanecer nos espaços de continuidade do processo escolar.

Como todo sistema, as falhas continuam a serem reproduzidas na modalidade como a EJA, com índices altíssimos de evasão, um dos principais motivos deve-se a sua aplicação de forma inadequada, nos causando o que LEITE (2013) considera como uma dupla exclusão, isto é, quando a modalidade de ensino não foi capaz de garantir aquilo contido em seu documento de criação, como nos revela o autor,

“No caso do adulto que retorna a escola, pode-se dizer que, muitas vezes, sofrem uma dupla exclusão. Num primeiro momento, na infância, não podem estudar, pois precisam trabalhar para sobreviver e ajudar no sustento da família. Num segundo momento, na idade adulta, quando procuram uma escola que nem sempre está preparada para atender-se”. (LEITE, 2013, p.171).

Com o retorno à sala de aula, de muitas dificuldades e restrições, além de sermos julgados constantemente em falas reproduzidas por professores de que os muros escolares não nos pertence, nos ignorando, nos desqualificando e se fechando diante de nossas realidades. A escola foi criada para ser um espaço acolhedor, tantas vezes substituindo o seio familiar. Entretanto nem sempre corresponde ao seu propósito. Há grandes relatos de diversas formas de desrespeitos praticados contra os estudantes da EJA.

Lembro-me que na companhia de meus pais durante no retorno a sala de aula, passaram por inúmeros constrangimentos, onde foram basicamente excluídos não somente por professores da modalidade EJA, mas também por funcionários, já que não possuíam determinadas habilidades que os profissionais julgavam necessárias, a exemplo de outros alunos que já sabiam ler e escrever. Em outros momentos, durante a realização das atividades, ouvíamos constantemente de alguns professores em sala que as atividades eram pensadas para crianças de 05 anos e que deveriam resolver em poucos minutos antes de suas correções, isto é, a todo o momento meus pais eram excluídos do processo de escolarização, marcados por um pensamento de que a sala de aula não era mais o “lugar deles”.

Na época os mesmos relatam que a educação era bancária, conceito cunhado pelo educador Paulo Freire (1987) onde lhes depositavam conteúdos a todo o momento, não podiam perguntar muito, muitas das vezes, quase nada, as professoras não os olhavam e a turma permanecia em silêncio durante toda a exposição da aula. Além disso, relatam que as atividades eram todas prontas e arrumadas, não havia discussões a respeito do conteúdo entregue, não refletiam sobre os problemas da sociedade, o sentimento era de fracasso, assim como descreve o autor em seus escritos sobre as relações educador-educandos no que diz respeito a esse modelo de ensino bancário,

“Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro”. (FREIRE, 1987, p. 33).

Entre encontros e desencontros, percebemos uma EJA de muitas exclusões includentes, exclusão pelo fato de sermos frutos da desigualdade social, de sermos atravessados pelas nossas dificuldades financeiras, de possuímos famílias numerosas sem nenhuma condição para conciliar estudos e trabalho, por isso ignorar os muros escolares sempre foi uma válvula de escape para um possível crescimento. Muito cedo, fomos inseridos no mundo do trabalho, negando toda a nossa infância, caminhos esses que nos fizeram adultos antes mesmo que deixássemos de ser crianças. Includentes por nos resgatar, nos tornando pássaros na busca pelo conhecimento, mesmo que engaiolados, já que tendem a repetir com seus estudantes práticas presentes em nosso meio social.

Reencontrar as carteiras em sala de aula, na fase adulta, é uma decisão bastante importante que tomamos em nossas vidas, essa escolha nos mostra que, de fato vencemos e quebramos barreiras, superarmos nossos medos e mantivemos a esperança. Nesse sentido, percebo que é a esperança que nos move, mesmo que sejamos seres incompletos, como nos afirma FREIRE em seus escritos *“sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desafora, se desdереça e se torna desesperança [...]”* (FREIRE, 2013, p.11).

A sociedade contemporânea visa à juventude, sendo vista como uma etapa de travessia que o indivíduo realiza para chegar à fase adulta. É uma fase que a sociedade espera que sejamos capazes de codificar e decodificar uma língua, isto é, ter aprendido a ler e escrever. Na fase adulta, espera que tenhamos finalizado o processo escolar e adentrado ao mercado de trabalho, ao contrário disso, passamos a ser visto como um indivíduo sem novidades, sem

conteúdo, muitas das vezes, tido como incapaz por não acompanhar as mudanças exigidas por ela e dentro dela, o que acaba nos excluindo do chão de sala.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que exige do profissional atuante na área um cuidado dobrado, tanto no planejamento de práticas pedagógicas que levem em conta nossas particularidades em sala de aula, como também no sentido de nos garantir um espaço afetivo para nosso acolhimento e permanência dentro dela, estabelecendo relações professor-aluno e nos aproximando cada vez mais através dos conteúdos ministrados e práticas desenvolvidas no chão de sala, ao contrário disso, estaremos fadados a uma EJA de exclusões, como nos explica RUMMERT,

“A educação de jovens e adultos, para atender às funções que lhe são atribuídas, requer profissionais com formação específica, do mesmo modo que se faz necessária formação própria para o trabalho na educação infantil, por exemplo. Entretanto, a não-obrigatoriedade de estudos sobre essa modalidade de ensino nos diferentes cursos de formação de professores, bem como a ausência de concursos públicos específicos, expressa o fato de que o Estado não reconhece, efetivamente, a EJA como um campo de atuação profissional marcado por características distintas dos demais. A realidade, no entanto, demonstra claramente ser necessária a atuação de profissionais capacitados a formular e desenvolver ações e projetos pedagógicos que atendam às múltiplas peculiaridades dessa modalidade de educação, e que contemplem as características cognitivas e afetivas dos jovens e adultos trabalhadores que buscam, na escola, uma significação social para suas práticas, suas vivências e seus saberes, assim como a possibilidade de concretização de diferentes sonhos que, o mais das vezes, voltam-se para a superação de suas adversas condições de vida”. (RUMMERT, 2005, p. 123-124).

Como apresentado acima, há uma necessidade de um trabalho profissional específico qualificado para atuar na modalidade de ensino EJA, que contribua para a construção de um caminho que leve em conta nossas necessidades e desejos e, apesar de todas as dificuldades cotidianas e um ambiente excludente, ainda vemos a escola com confiança, confiante de que alcançaremos melhores condições financeiras e melhor qualidade de vida pela aquisição e produção do conhecimento, capaz de lutar por direitos enquanto cidadãos.

CAPÍTULO 2: A EJA NA PANDEMIA E SEUS EFEITOS COLATERAIS DO ENSINO REMOTO

Meus pais sempre falavam que ninguém tira o estudo de você. Tira qualquer coisa, menos o conhecimento. Minha mãe sempre falava durante todo o caminho até a escola que somente o estudo é capaz de modificar a nossa vida, é ele que muda as pessoas e pessoas mudam o mundo...

No dia 31 de dezembro de 2019, o mundo inteiro recebia em poucos cliques a assombrosa notícia por parte do governo chinês sobre o surgimento de um novo coronavírus. Há mais ou menos dois meses a cidade de Wuhan, capital da província de Hubei na China, vinha sendo o epicentro de uma pneumonia de causa desconhecida, aonde centenas de pessoas diariamente davam entrada nos hospitais locais queixando-se de sintomas como, por exemplo, corrimentos nasais, dores de cabeça, tosses, febre, perda de gosto e olfato, além de dificuldades respiratórias, tremores e dores por todo o corpo.

Mais tarde, esses sintomas eram anunciados como parte do quadro de infecção causada pelo novo coronavírus, que, logo recebia o nome científico COVID-19, responsável por matar milhares de pessoas na China em questão de semanas. De imediato, a cidade de Wuhan erguia em tempo recorde o hospital Huoshensha que comportaria 1.000 leitos com o objetivo de isolar pessoas portadoras da doença. Essas imagens rodaram por todo o mundo, mostrando centenas de caminhões, guindastes e retroescavadeiras, sendo operadas por milhares de operários em um ritmo frenético, 24 horas por dia.

Não demorou muito para que o vírus rapidamente saltasse para os outros cinco continentes. No primeiro trimestre de 2020, a pandemia já levava quase todo o globo a uma profunda crise sanitária e humanitária, desafiando a rotina de milhões de pessoas, que antes eram consideradas comuns, causando um impacto devastador em nossas vidas desde a rotina de trabalho até o lazer, a alimentação e os hábitos de higiene das pessoas. A verdade é que com o início da pandemia, o mundo inteiro passou a viver um “ciclo infinito”, onde não podíamos planejar os dias futuros, congelando de forma repentina e por tempo indeterminado todos os nossos planos.

Antes, a sensação era de que vivíamos em uma “esteira” a 5 km/h, dentro de um tempo acelerado e que para a realização completa de nossas atividades sociais o dia deveria durar, no mínimo, 48 horas. De repente, com o avanço pandêmico da COVID-19 em todo o globo, fomos obrigados a enxergar nossas vidas com outros olhos, nos lembrando de que o futuro era algo incerto e que o fim estava sempre perto.

As perguntas que mais fazíamos a nós mesmos eram: *Como continuar nossas atividades cotidianas com tantas vidas sendo perdidas? Como continuar que você pode ser contaminado a qualquer momento? Como se manter saudável em um contexto pandêmico? As escolas iriam fechar? Como teríamos o sustento básico se fôssemos demitidos de nossos trabalhos?* Cotidianamente a pandemia nos colocava diante de novos espelhos, nos revelando dia após dia um mundo atravessado por muitas crises e carente de transformações.

No Brasil, com o registro dos primeiros casos, o governo federal determinava a população brasileira determinadas medidas restritivas para conter a disseminação e contaminação causada pelo novo coronavírus, tais como: distanciamento social, isolamento social para casos suspeitos, quarentena para casos confirmados e até mesmo o fechamento total de estabelecimentos comerciais, incentivando o uso diário do álcool em gel e máscaras de proteção em locais públicos e privados.

Seguindo os protocolos mundiais de enfrentamento a COVID-19 estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o Ministério da Educação (MEC) veio a público em março de 2020 autorizar o fechamento temporário das instituições de ensino em todo o país, retirando milhões de estudantes da sala de aula, sem previsão de retorno presencial e, muito menos, sem apresentações breves de estratégias de como essa engrenagem viria a funcionar em tempos de isolamento social. A ausência de estratégias reforçava a responsabilidade aos profissionais da educação, especialmente professores de continuar garantindo a seus estudantes o direito de continuar estudando, o que deveria ser preocupação do Estado.

Somente com a Lei nº13.979⁶ de 2020 que traz consigo importantes previsões no que diz respeito a medidas para o enfrentamento emergencial da saúde pública acompanhada da Portaria nº 343⁷ de 2020 o governo autorizava a substituição das aulas presenciais por aulas remotas, por tempo indeterminado e/ou enquanto durasse a pandemia em âmbito nacional, justificando que os cidadãos brasileiros não poderiam abandonar os estudos, isto é, deveriam continuar recebendo conteúdos, recuperando todo o tempo perdido, tendo como prioridade a alfabetização, além disso, para validar o ano letivo 2020 seria contabilizado o número de horas-aula, como vemos no corpo do documento,

“§ 1º O período de autorização de que trata o caput será de até trinta dias, prorrogáveis, a depender de orientação do Ministério da Saúde e dos órgãos de saúde estaduais, municipais e distrital. § 2º Será de

⁶ “Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019”. (BRASIL, 2020).

⁷ “Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19”. (BRASIL, 2020).

responsabilidade das instituições a definição das disciplinas que poderão ser substituídas, a disponibilização de ferramentas aos alunos que permitam o acompanhamento dos conteúdos ofertados bem como a realização de avaliações durante o período da autorização de que trata o caput. § 3º Fica vedada a aplicação da substituição de que trata o caput aos cursos de Medicina bem como às práticas profissionais de estágios e de laboratório dos demais cursos. § 4º As instituições que optarem pela substituição de aulas deverão comunicar ao Ministério da Educação tal providência no período de até quinze dias. Art. 2º Alternativamente à autorização de que trata o art. 1º, as instituições de educação superior poderão suspender as atividades acadêmicas presenciais pelo mesmo prazo. § 1º As atividades acadêmicas suspensas deverão ser integralmente repostas para fins de cumprimento dos dias letivos e horas-aulas estabelecidos na legislação em vigor. § 2º As instituições poderão, ainda, alterar o calendário de férias, desde que cumpram os dias letivos e horas-aula estabelecidos na legislação em vigor. Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação”. (BRASIL, 2020, p.01).

Como vimos, o Ministério da Educação (MEC) através da portaria autorizava a substituição das disciplinas realizadas em modo presencial, há todos aqueles que se encontravam regularmente matriculados no ensino infantil, fundamental, médio e profissional, modalidade de jovens e adultos, especial, ensino superior e a distância, transformando todos esses níveis de ensino em atividades realizadas a partir de ferramentas digitais, tais como: dispositivos de informação e comunicação (celulares, notebooks, tablets e smarts televisores) e/ou outros meios convencionais. Essa portaria não englobaria somente a visualização de aulas expositoras, mas também a realização das práticas docentes e estágios.

No Ceará, o governo estadual emitia em função do cumprimento da portaria, o Decreto nº 33.536 de 05 de abril de 2020 que reforçava o aumento do isolamento e distanciamento social, o fechamento temporário de comércios e suspendendo parcialmente as aulas presenciais no estado, trazendo como substituto o ensino remoto e/ou híbrido⁸, obrigando as instituições de ensino e todo o corpo estudantil traçarem novos caminhos para continuarem as atividades, incorporando em seus currículos o contexto da pandemia.

Mediante os acontecimentos, escolas de todo o território nacional buscavam mecanismos para continuarem suas atividades, redesenhando todo o mapa da sala de aula, nos distanciando fisicamente de nossos professores, nos deixando como responsáveis pelo nosso próprio aprendizado, sendo decidido por nós mesmos o que queríamos aprender, traçando objetivos a serem alcançados, pesquisando, desenvolvendo e conversando temas do cotidiano e que deveriam ser discutidos tanto dentro como fora dos muros da escola.

⁸ Modelo composto de aulas que integram atividades presenciais e on-line, no qual os recursos digitais se sobressaem aos materiais físicos utilizados presencialmente. O Modelo ganhou força após as medidas preventivas e protocolos de combate ao novo coronavírus.

Chegada a hora do ensino remoto, estudantes do Brasil inteiro pertencente à rede pública e/ou particular foram submetidos cotidianamente a trabalhar mediado pelas tecnologias digitais em função da substituição de seus encontros presenciais. Esse cenário contribuiu diretamente para que tivéssemos pensamentos, emoções e/ou ações de naturezas diversas negativa em relação a essa nova metodologia de ensino que enfrentaríamos. Para melhor esclarecimento do ensino remoto recorreremos aos autores, que assinala que:

“O ensino remoto tem a proposta de manter a rotina de sala de aula em um ambiente virtual acessado por cada um a partir de diferentes localidades. Considerando que, para estudar longe do ambiente escolar, o aluno precisará de mais motivação e disciplina, as metodologias ativas despertam o interesse pelas atividades por oferecerem recursos lúdicos e práticos. Além disso, o ensino remoto permite ao aluno desenvolver habilidades importantes para sua formação, como autonomia, engajamento na aquisição de conhecimento e competências socioemocionais. Para desenvolver uma aprendizagem significativa e autônoma, não basta que o aluno aprenda sozinho; ele precisa do acompanhamento do professor e dos colegas, pois são as trocas entre os pares que permitem a aquisição de competências e habilidades”. (CARVALHO; SOARES; CARVALHO & TELLES, 2021, p. 02-03).

Nesse sentido, comungando com as ideias a respeito do ensino remoto, percebemos o quão desafiante é essa metodologia, principalmente, do ponto de vista do processo de escolarização remotamente. Por isso, a necessidade de um olhar pedagógico diferenciado atrelado a práticas pedagógicas que venham amenizar os impactos causados com a chegada desse formato de ensino após a suspensão das aulas presenciais, contribuindo assim, para a construção de um novo processo de ensino e aprendizagem dentro de nossas residências.

Em tempos de isolamento social, tornou-se necessário que professores assumissem seus trabalhos dentro de uma perspectiva inovadora, isto é, formando estudantes que fossem capazes de aprender, conviver e atuar dentro de uma sociedade globalizada de maneira responsável, crítica e cidadã. Na era da informação, possuímos milhares de dados com apenas um clique na tela de nossos dispositivos, com isso, há uma necessidade de nossos docentes estarem constantemente atualizados. (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020).

Novas ferramentas educacionais surgem nos dias atuais para aprimorar e causar uma verdadeira revolução dentro dos muros escolares e os profissionais precisam acompanhar essas mudanças, caso contrário, o desconhecimento pode acarretar sérios problemas, não somente para o profissional, como também no nosso processo de aprendizagem. Com a intensificação do isolamento social e a chegada do ensino remoto, muitas plataformas virtuais e recursos tecnológicos que antes, eram somente utilizadas como passa tempo, foram

ressignificadas e incorporadas ao eixo educacional. Foram diversas ferramentas e metodologias agregadas a essa nova engrenagem, uma delas, por exemplo, foram os aplicativos como potência para tornar a sala de aula virtual ainda mais envolvente, tornando o conteúdo e materiais didáticos mais personalizados e ajustados, seguindo um cronograma mais flexível e realizando avaliações de caráter formativa ou contínua.

Os aplicativos que mais ganharam destaques em tempos remotos foram: Classroom⁹, Meet¹⁰ e até mesmo o Whatsapp¹¹. Atualmente, docentes da modalidade EJA vem fazendo o uso contínuo da plataforma de conversas do Whatsapp com o objetivo de nos estimular dentro de novas aprendizagens. Dessa maneira, somos inseridos numa realidade aumentada¹² e apesar de não ser igual a uma sala de aula, a plataforma nos possibilita criar grupos como se fossemos turmas presenciais, assim o docente ao entrar em determinado grupo tem a capacidade de nos enviar atividades sejam elas escritas, em formato de voz e/ou vídeo, esclarecendo pontos levantados e sanando dúvidas no coletivo.

Para compreendermos a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil relacionada com as dificuldades de acesso ao ensino remoto, devemos primeiramente entender o perfil de alunos que a compõe, em maioria, a EJA é basicamente formada por estudantes pertencentes a classes sociais economicamente baixas, isto é, menos privilegiadas aos demais grupos sociais, sendo eles: desempregados, autônomos, domésticas, cozinheiros e garçons, também de funcionários de lojas tipo varejistas, pedreiro e outros sujeitos que possuem remunerações inferiores a uma elevada jornada de trabalho, situações que acabam reduzindo o tempo disponível para os estudos.

Diferente da realidade de outros estudantes, muitas das vezes, acostumados com a sala de aula virtual, o ensino remoto escancara a desigualdade entre estudantes de todo o Brasil, antes camuflada no ensino presencial, pois segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) a educação é um direito universal, mas sabemos que ainda é uma realidade distante, beneficiando determinados grupos sociais sobre outros, isto é, aqueles com altas condições financeiras, um verdadeiro “conta-gotas” como nos revela os escritos de ALGEBAILLE (2013):

⁹ Uma sala de aula virtual trazendo consigo um serviço gratuito para escolas em todo o mundo, com o intuito de promover a organização do trabalho do educador. Dentro dele é possível a criação de turmas, sendo possível distribuição de atividades, a comunicação, entre outras.

¹⁰ Um aplicativo que traz consigo um serviço de comunicação por meio vídeo desenvolvido pelo Google. Bastante utilizado para realizar encontros escolares, laborais e entre outros, suportando mais de 100 usuários em uma única sala.

¹¹ Uma multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para dispositivos móveis.

¹² Tecnologia virtual que nos possibilita a integração de elementos virtuais dentro de um ambiente real, seja no uso de elementos visuais, sonoros e outros estímulos sensoriais digitais por meio de tecnologia holográfica.

“A esse respeito, é importante ter atenção, primeiramente, para o fato de que, não raramente, a escola foi (e ainda é) um “recurso” fartamente utilizado para o atendimento “a conta-gotas” das demandas sociais, resultando de projetos que de forma alguma podem ser reputados apenas à debilidade do poder político local. Reiterando o que já foi afirmado acima, e lembrando as indicações metodológicas de Oliveira, Fernandes e Gramsci, podemos dizer que o rastreamento das formas de produção degradada de escolas e de processos de escolarização nos leva a perceber que essas formas de produção, em grande parte das vezes, resultavam das formas de acordo e de conciliação entre os mais conservadores mandatários políticos e grupos identificados no cenário político como portadores de projetos de modernização. Sabe-se que, no Brasil, os municípios eram e são um âmbito propício à permanência e reprodução do conservadorismo. Mas essa constatação não pode ser tratada como um fato sem mediações e variações, induzindo ao erro de se circunscrever as forças conservadoras à escala local de poder. Ao contrário, é necessário reconhecer que o conservadorismo político persiste no âmbito local em proporções impressionantes exatamente porque as forças conservadoras são partes ativas e úteis de relações ramificadas em todas as escalas de poder”. (ALGEBAILLE, 2013, p. 204- 205).

Os estudantes de todo o território brasileiro, principalmente da rede pública de ensino dependem da infraestrutura das escolas, e, ao mesmo tempo, mostra a falta de compromisso do governo e seus projetos com a educação. O governo que esteve no período da pandemia, embora tenha garantido o acesso à sala de aula, tem se comprometido com a permanência que não tem sido levado em consideração, e que não é a mesma coisa. A garantia do acesso é essencial, mas torna-se necessário também que todos os estudantes EJA que retornem à escola e/ou esteja iniciando sua trajetória escolar permaneçam nesses espaços seja através de programas, transporte, materiais didáticos e/ou assistência à saúde entre outros.

Percebemos desde já o quão é dificultoso permanecer dentro desses espaços no modo presencial, fatores que levam, muitas das vezes, evadir, não frequentando a sala de aula cotidianamente como deveríamos, situação que piorou ainda mais com a chegada da pandemia e com ela o ensino remoto. Com o início das aulas on-line, quase todas as instituições da rede municipal, estadual e federal de ensino optaram por realizarem suas atividades dentro de plataformas e sistemas integrados¹³ conectados ao uso da internet, mas nem todas distribuíram dispositivos e/ou subsidiaram o acesso à internet para que toda essa engrenagem viesse a funcionar, o nos pegou de surpresa.

Houve situações de que o material chegava às escolas, mas que esses dispositivos não chegaram a fora que nossos professores foram direcionados do dia para a noite para

¹³ Um conjunto de softwares desenvolvidos para realizar a gestão de atividades, promovendo um compartilhamento entre todos os setores e processos de uma instituição. O sistema do Aluno On-line é uma referência desses sistemas integrados, sendo bastante utilizado na rede estadual de ensino.

trabalharem dentro de uma metodologia que eles nunca tinham tido o contato, sem nenhuma especialização e/ou conhecimento a respeito dessas novas ferramentas digitais, conhecidas como TDIC's¹⁴ que chegaram agregando às mídias digitais com o objetivo de multiplicar as possibilidades de pesquisa e informação de quem a utilizam.

Enfrentamos uma realidade caótica, onde procurávamos diariamente formas para minimizar os impactos do ensino remoto causado pela pandemia e de imediato não encontrávamos. Antes de tudo, tivemos que mudar toda uma rotina que estávamos acostumados a enfrentar todos os dias no ensino presencial para nos adaptarmos às aulas remotas, o que acabou nos fazendo sofrer muitas dificuldades, especialmente no início, para manusear as plataformas adotadas por nossas instituições.

Ligando um fato ao outro, passamos a acessar nossas atividades somente quando chegávamos de um longo período de trabalho em um celular conectado a rede, compartilhando, muitas das vezes, com outros familiares que também necessitavam do acesso às aulas virtuais. Tivemos ainda que conciliar nossos estudos com as atividades domésticas, problemas para acessar a internet, dificuldade em estudar sozinhos, preocupação com a subsistência, pois muitos, não realizavam suas refeições em casa e necessitavam da merenda escolar para sobreviver, além disso, na condição de mãe e chefe de família tínhamos que supervisionar nossos filhos em suas atividades enquanto realizávamos nossas próprias atividades escolares.

O ensino remoto também causaram muito estresse, desespero e pensamentos negativos, incomodando todos por conta dos acontecimentos terríveis causados pela pandemia, onde milhares de cirurgias foram adiadas ou canceladas no Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro, números de desempregados dispararam, trocas incessantes de ministros que estavam à frente da pasta da saúde do governo Jair Messias Bolsonaro, entre outros problemas sociais que insistiam em saltar da sociedade para os muros da escola. (LOURO, 1997).

Estudantes pertencentes a regiões interioranas e zonas de difícil acesso tiveram ainda mais dificuldade com a chegada dificultosa do sinal em suas residências, levando-os, muitas das vezes, esses estudantes a realizarem suas atividades na calçada, apontando sempre o dispositivo para o alto em busca do sinal para reproduzirem suas aulas. Assistir aula ou atender aos chamados familiares? Essa foi, por muito tempo, uma das dúvidas, já que

¹⁴ Abreviatura de "Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação". São as novas ferramentas digitais que nos levam ao conhecimento, sempre atreladas aos processos de transmissão e de comunicação.

estávamos dentro de nossas residências, sujeitos a interrupções, ambiente com muita poluição sonora (familiares, vizinhos, carros publicitários), entre outros problemas que faziam sair com frequência da sala de aula virtual, muitas das vezes, nem retornando para a conclusão.

Dentro da realidade de cada um, os professores foram criando métodos e usando de sua criatividade para facilitar cada vez mais na transmissão dos conteúdos, disponibilizando canais de suas redes sociais como meios de comunicação, fazendo o uso constante de memes¹⁵ para chamar atenção e seguíssemos as atividades escolares com frequência, mesmo que de forma remota. Diante dessas dificuldades docentes apresentadas a partir do ensino remoto, destacamos que:

“Educação é Comunicação e, como tal, deve estar atenta à questão da interatividade, não só entre os sujeitos, alunos e professores, mas também das tecnologias envolvidas, caminhando desde uma menor interatividade, como os casos clássicos de Cinema, TV e Vídeo, até grande interatividade, como nas comunidades de aprendizagem conectadas pela rede Internet. Integração de Mídias e Internet são tendências fortes nos dias de hoje”. (BRASIL, 2006, p.07).

Apesar dificuldades terem vindo à tona somente com a chegada do ensino remoto, por muito tempo elas permaneceram camufladas dentro do ensino presencial, muitas das vezes, pelo fato do profissional não buscar atualizações dentro do seu campo de trabalho, fadado a uma prática docente engessada, conhecendo apenas situações pertencentes a sua época e ignorando os surgimentos da atualidade, como explica FERREIRA (2008):

“[...] É fato conhecido a profunda limitação da formação dos professores, alijados do processo de estímulo de novas idéias dos alunos por não dominarem ferramentas de construção do conhecimento, conjuntamente, e tampouco questionarem a própria visão de mundo trazidas por sua experiência, já que são instruídos a apenas serem transmissores de conteúdos, tratados superficialmente desde o curso de licenciatura. Os próprios professores recebem aulas expositivas, sem contextualização dos temas, e se acostumam a trabalhar com “problemas padrão” [...]” (FERREIRA, 2008, p. 24).

Por fim, devemos considerar que diante de todos esses impactos e mudanças tecnológicas trazidas com a pandemia para dentro do funcionamento do eixo educacional acabou exigindo da escola modificações em suas funções para/com a sociedade, oferecendo

¹⁵ Expressão utilizada para descrever um conceito de imagem, vídeos e/ou GIFs relacionados ao humor, que se espalha via Internet. A expressão ganhou força no mundo em rede, sendo utilizada por muitos jovens em suas redes sociais, sendo muitas das vezes, substituída pela escrita. Uma curiosidade sobre essa expressão é que ela consegue se adaptar a situações diferentes e por causa dessas transformações ele acaba viralizando, isto é, chegando aos usuários com facilidade e rapidez em poucos cliques.

de um lado suporte para que possamos interagir a partir desse novo formato de ensino oferecido, no caso, uma grande aliada da educação e por outro, escancarando uma desigualdade que, historicamente foram estigmatizadas por outros grupos sociais, por possuir baixo poder aquisitivo, histórico de reprovações e/ou por iniciar atividades laborais muito cedo quando devíamos estar na escola.

Quando a sociedade propõe discutir a introdução desses conhecimentos tecnológicos devem antes de tudo, considerar realidades, pois possuímos particularidades, tais como: faixa etária, conhecimento ou não para o acesso e manuseio dessas ferramentas pedagógicas no contexto pandêmico, estrutura socioeconômica para possuir esses materiais, entre outras. Cada vez mais as pesquisas e observações realizadas no campo escolar vem nos mostrando um pouco sobre a realidade escolar, um espaço bem planejado com objetivos estabelecidos e que vem se transformando a cada dia, principalmente depois o período pandêmico.

Todos esses percursos trilhados em tempos de isolamento social aconteceram, acreditando que a tecnologia enquanto potência pedagógica era essencial para o aprendizado do sujeito. Em Freire (1987, p. 39) encontramos que *“ninguém educa ninguém e ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”*. Todas essas transformações se dão a partir de uma formação coletiva e colaborativa e que chega para transformar a instituição escolar em um local de formação permanente.

A pandemia veio mostrar mudanças que já estavam acontecendo e que muitos não estavam percebendo, talvez por não buscar atualidades e/ou por acomodação, impossibilitando ver fora da bolha, ou melhor, do tradicional. Ela além de tudo veio mostrar a necessidade de o campo educacional se adaptar ao nosso “novo normal”, possuindo necessidades de conexão a internet, um forte instrumento potencializador na distribuição de informações, gerando novos conhecimentos e uma conexão total em rede. A sociedade criou uma visão de que uma educação que não é dada presencialmente ela possui certa deficiência e/ou torna-se limitada.

Já vivíamos anteriormente um distanciamento momentâneo no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem e a pandemia só veio nos colocar fora das salas de aula, se tornando um momento para a reflexão sobre o futuro da educação, com a chegada do ensino remoto e híbrido. Foi necessário reduzir o contato físico, mas na educação é necessário mantermos esses vínculos afetivos, mesmo que por meio de encontros virtuais, o que minimiza bastante todo esse estresse absorvido decorrente do isolamento social, o que quase nos levou para uma pandemia psíquica por estarmos a todos os momentos preocupados em sobreviver.

Nesse momento, ao invés de cumprirmos um calendário escolar como exigido pelo Ministério da Educação (MEC) em um de seus ofícios, podemos refletir socialmente sobre não perder vidas, ao invés de realizarmos somente atividades monótonas através dessas ferramentas, podemos também conversar e discutir sobre o valor e o sentido da vida, relações humanas, sustentabilidade, empatia, saúde mental e o papel da ciência. Vidas importam!

Sabemos o quão foi importante para nossas escolas se manterem fechadas durante todo esse tempo, porém nos dias atuais temos o enegrecimento¹⁶ de que a educação precisa ser presencial, já que as escolas vão além dos conteúdos ensinados, isto é, não é somente depositar conteúdo e arquivos em formato PDF¹⁷ para lermos, escola é ensinar modos de vida, desenvolver cidadãos conhecedores do seu papel e todo este processo necessita do contato físico, interação e socialização entre os sujeitos dentro desses espaços.

O ensino remoto não conseguiu propiciar uma educação de qualidade, capaz de atender de forma igualitária e inclusiva, todos os estudantes brasileiros afetados pela suspensão das aulas presenciais, principalmente, para os estudantes da EJA que foram atravessados por diversos fatores sociais que tenderam a ser colocados novamente dentro de sala de aula, mas que não contribuiram para as suas permanências. Somente por meio da educação que podemos nos transformar e nos preparar para futuras situações de emergência, isto é, somente com o conhecimento podemos redesenhar o futuro da humanidade.

¹⁶ O termo está pautado numa escolha política adversa ao uso de “esclarecimento” que tem sua estrutura pautada numa linguagem colonizadora e de uso “naturalizado” dentro da língua portuguesa que enaltece em todos os sentidos as referências da branquitude e eurocêtricas.

¹⁷ Um formato de arquivo desenvolvido, sendo a abreviação de “Formato Portátil de Documento” sendo bastante utilizado no ensino remoto devido à facilidade de enviar e receber arquivos dentro das plataformas.

CAPÍTULO 3: O COTIDIANO ESCOLAR DA EJA CARREGADO DE DESAFIOS

Sempre tive meu sonho de aprender a ler. Labuta durante o dia, livros e cadernos à noite... A vida não é fácil, na verdade ela nunca foi! Entre vogais e consoantes, linhas e parágrafos, de uma vírgula a outra agora posso viver este sonho...

Anteriormente, toda a educação básica era realizada de forma presencial, exceto em casos de hospitalização que o indivíduo estivesse submetido a um tratamento de saúde, estando ele em casa e/ou internado por tempo prolongado; ou até mesmo uma doença que venha o impedir de frequentar os muros escolares, sendo sustentada pela Lei de nº 13.716, de 24 de setembro de 2018 que inclui novos dispositivos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – Lei 9.394/96) e, garante atendimento educacional de forma virtual durante todo o período em que o estudante esteja em uma das condições, de modo a dar continuidade à aprendizagem do indivíduo.

Nesse sentido, os estudantes pertencentes à rede pública de ensino, no geral, não estavam acostumados a manusear ferramentas digitais para se comunicarem com seus professores, muito menos para a solução de processos ainda complexos como a realização de provas, além de muitos outros problemas trazidos a tona com a chegada do ensino remoto emergencial, tanto pela não-familiaridade com os dispositivos e sistemas utilizados, como em decorrência da falta de determinados dispositivos para o acesso diário as atividades, sem contar com as falhas constantes de internet para um encontro em tempo real, direto e simultaneamente com o restante da turma.

Desse modo, nos vimos obrigados a adaptarmos aos novos caminhos que a educação nos apresentava ou desistir mais uma vez de frequentar a sala de aula. Assim, pretendemos nesta etapa encontrar pistas, através de estudos científicos já publicados, discutindo de um lado o funcionamento da EJA no ensino remoto, e de outro lado, identificar os problemas no ensino remoto mais recorrentes que impediram os sujeitos da EJA de acompanharem as aulas e que, possivelmente, resultaram na exclusão e/ou desistência desses corpos [mais uma vez] de buscarem a educação escolar.

Toda essa mudança repentina do modo presencial para o ensino remoto trouxe inúmeros problemas para a vida escolar de milhões de estudantes em todo o Brasil, retirando da sala de aula pela primeira vez estudantes que a frequentavam desde os primeiros anos de vida e novamente aqueles que por algum motivo se evadiram e retornaram, como os da EJA. De maneira geral, não estávamos preparados adequadamente para uma pandemia, muito

menos instruídos previamente sobre como se comportar e agir durante a passagem de uma, principalmente como a de COVID-19. Ao discutirmos cientificamente sobre possíveis cenários pandêmicos, interligávamos a pandemias anteriores de influenza, tais como: H1N1, um vírus com potencialidade de se espalhar rapidamente entre os seres humanos; outros tipos de coronavírus, como: SARS e MERS, que possuíam grandes índices de letalidade, mas que não se espalhavam com velocidade, entre outros.

O vírus da COVID-19 reuniu infelizmente, o que mais temíamos, unindo essas duas características que antes, só víamos de forma separada e agora, em um só. O vírus possui a alta capacidade de se espalhar em alta velocidade entre seus hospedeiros, com índices elevados de letalidade, sofrendo mutações e evoluindo conforme contaminam as células hospedeiras, replicando-se e dando origem a novas cepas. Por isso, mesmo sendo pegos de surpresa, foi necessário nos readaptarmos com as novas medidas de segurança e com a chegada do ensino remoto emergencial.

Tentar manter a rotina do que estávamos acostumados a fazer e realizar apenas alguns ajustes foi à primeira solução que tivemos para não nos desestabilizarmos na quarentena. Conciliar o trabalho em home office¹⁸ com as atividades domésticas, fazer exercícios físicos, supervisionar as atividades escolares dos filhos e frequentar a sala de aula no período noturno foi (e está sendo) um grande desafio para a maioria dos estudantes matriculados atualmente na modalidade de ensino EJA.

À medida que a Organização Mundial da Saúde (OMS) em parceria com o Governo Federal começou a aconselhar medidas de isolamento e distanciamento social, instituições de ensino de todo o Brasil começaram a realizar suas atividades on-line, e na medida em que as aulas eram transmitidas dentro de suas plataformas e o aluno deveria cumprir com a carga horária exigida pelo Ministério da Educação (MEC) – menos de 200 dias – para que houvesse no final sua aprovação, pais e alunos, se sentiram com medo, sem saber o que fazer para se adaptarem a nova rotina.

Dar conta de tudo é difícil, na verdade esses alunos com a chegada do ensino remoto emergencial se viram sobrecarregados para lidar com suas atividades, mesmo com toda reorganização da rotina familiar e planejamento, a lista de responsabilidade só continuou crescendo, fazendo com que alguns continuassem seus estudos, um privilégio social, enquanto outros paravam de acompanhar as aulas, sendo excluídos da sala de aula, um direito

¹⁸ Expressão em inglês com tradução para “escritório em casa” e basicamente é isso que o caracteriza e o define enquanto modelo de prestação de serviço. O profissional usufrui da estrutura de sua própria residência, realizando suas atividades profissionais, simulando como se estivesse dentro de uma empresa.

de todos e que nos eram negado na pandemia, nos piores dos casos, levando a desistência desses estudantes [mais uma vez] de buscarem a educação escolar.

Dentre os estudos analisados sobre a educação EJA em tempos de isolamento social percebemos que uma das primeiras dificuldades sentidas com a chegada do ensino remoto para esses estudantes foi à carência de espaços de estudo, pois com as recomendações de isolamento social, muitas famílias tiveram que permanecer por tempo indeterminado dentro de suas residências, o que fez com que muitos estudantes não tivessem um espaço físico e silencioso para que pudessem se dedicar a suas atividades, como vemos a seguir:

“Relatam também que não conseguem se concentrar nas aulas virtuais, pois o ambiente de estudo não é tranquilo, muitas vezes o aparelho celular é dividido na família para outros realizarem suas tarefas. Há também o trabalho que pesa muito, pois não conseguem conciliar horários e muitas vezes o cansaço vence a rotina de estudo [...]”.
(MELO, 2021, p. 20).

Como vimos, o ambiente doméstico foi uma das primeiras dificuldades sentidas em primeiro momento por esses estudantes no ensino remoto. Em casa: filhos, irmãos, pais, trânsito, alto-falantes, cônjuges, televisão, rádio, entre outros são alguns exemplos de interferência sonora e que, muitas das vezes, levaram esses estudantes a se desconcentrarem em seus momentos de estudos.

Com as transformações do ensino remoto, os conteúdos ministrados on-line foram duplicados, exigindo ainda mais dos estudantes uma atenção redobrada em comparação ao modo presencial, fazendo com que eles mesmos buscassem dentro de suas próprias residências um cômodo menos frequentado pelos demais familiares e o que menos recebesse ruídos externos. Um cômodo compartilhado ou com vista para uma rua movimentada, por exemplo, não era uma das melhores escolhas para uma jornada de estudos.

Outra dificuldade apresentada por esses estudantes gira em torno da falta de supervisão e acompanhamento dos professores em seus processos de aprendizagem. Com o ensino remoto, muitos estudantes relataram a dificuldade na realização das atividades, levantando questionamentos como: Como é a fórmula? Tem como explicar novamente? O texto é para responder quais questões? Sem essa supervisão, tiveram bastante dificuldade para continuarem estudando, como nos revela os seguintes dados:

“A falta do contato próximo entre estudante e professor, mencionado nas mensagens anteriores, e também por diversos outros estudantes, nos leva a refletir sobre um aspecto da utilização de atividades remotas que nos parece pouco abordado, mas que nas turmas da EJA

tem sido bastante ressaltado. É essa distância física imposta na relação educacional que tem gerado certa “desumanização” de todo o processo. Estamos nos referindo à humanidade presente nas salas de aula, à relação, conflituosa ou amistosa, entre professor e estudantes, em cada aula presencial, em cada turma. Essa dinâmica própria, imperfeita e humana, para os estudantes da EJA se mostra fundamental, inclusive para a sua permanência na escola (Xavier, 2019)”. (FANTINATO; VARGAS & MOURA, 2020, 119).

Fomos acostumados à presença física do professor em sala de aula, tanto para nos direcionarmos na realização de atividades, como no apoio para lidarmos com as frustrações causadas pelo sistema opressor de ensino, o que acabou com a chegada do ensino remoto emergencial, dificultando ainda mais a vida escolar dos estudantes. O contato físico com o professor nos traz um vínculo afetivo que beneficia ambas as partes, tornando-se fundamental para a produção e edificação do conhecimento de qualquer estudante, independentemente de sua idade ou o nível de formação.

Por outro lado, não podemos negar também que a ausência desse contato físico trouxe a esses estudantes uma maior liberdade para administrarem seus horários de estudos, deixando de serem sujeitos passivos dentro do processo de ensino e tornando-se colaboradores na busca e criação de seus conteúdos.

As dificuldades somente com os estudantes, professores, coordenadores, gestores, entre outros profissionais no geral também sofreram com todas essas transformações, tendo em vista que, muitos em suas licenciaturas não aprenderam metodologias e tecnologias educacionais para ensinar e/ou realizar suas atividades neste formato, permanecendo dentro de um modelo engessado do “olho no olho” ao invés de discutirem possibilidades e limites das tecnologias no processo de aprendizagem, fazendo com que esses profissionais conhecessem a realidade na prática, como bem nos assegura a seguinte situação:

“[...] a virtualização das aulas, os professores conheceram de forma forçada um desafio imposto pela situação, tentando adaptar-se ao ensino remoto sem preparação ou orientação, substituindo recursos manuais por tecnológicos, fazendo com que todos passem a repensar suas práticas pedagógicas, metodologias de ensino, avaliação, sempre objetivando um ensino atrativo e dinâmico ao estudante da EJA, que ao longo da sua história o ensino ainda funciona de modo incipiente. No tocante a ideia de que os professores não tiveram tempo e nem formação para exercer uma prática pedagógica voltada ao uso de ferramentas digitais durante a pandemia [...]” (LIMA & CAVALCANTE, 2021, p. 07).

A dificuldade em trabalhar com o ensino remoto é um déficit que vem desde suas formações, enegrecendo que muitos não tiveram quaisquer conhecimentos, suporte ou

disciplina durante suas graduações que visasse o ensino fora do ambiente físico da escola. Para tanto, se vê necessário uma qualificação e/ou formação continuada para que esses profissionais sejam capazes de lidar com as diversidades existentes na sala de aula, além de lidar com as transformações e realidades educacionais que o contexto escolar nos proporciona, principalmente pós-pandemia. (LIMA, 2010).

Somente assim, os profissionais da área consigam realizar suas atividades com êxito, sendo de fundamental importância que compreendessem tudo que perpassa diante do ensino remoto, frente às realidades distintas conhecendo a fundo suas características e seus impactos na vida de seus estudantes, principalmente os que se encontram em situações de vulnerabilidade social, para somente assim utilizarem as metodologias que melhor se aplicam a esse contexto.

Milhares de estudantes não tiveram durante a pandemia sequer a garantia de suas refeições (merenda escolar) que antes, no ensino presencial lhes eram garantidas, muito menos dispositivos de rede móvel e conexões fixas de internet para participarem de suas aulas. O computador, entre outros demais dispositivos eletrônicos foram equipamentos centrais para a realização e acompanhamento das atividades de milhões de estudantes no ensino remoto, em casos extremos, alguns optaram até por contratar pacote de dados móveis semanal, mas tiveram um agravamento na situação financeira e abandonaram.

A falta de algum deles equipamentos fizeram com que muitos deixassem de frequentar a sala de aula virtual, muitas das vezes, não respondendo as demandas enviadas pelos professores, seja dentro das plataformas adotadas, via e-mail ou nas redes sociais diárias, como o Whatsapp, sendo outro problema comum identificado dentro dos estudos, como nos mostra uma situação descrita a seguir:

“Vale ressaltar que alguns alunos não responderam ao questionário no Word editável porque não sabiam responder, como também em certos casos o aparelho celular não comportava o aplicativo. E com isso fui tirando prints das perguntas para alguns responderem. A internet que usam é linha de telefone ou de Wi-Fi de terceiros, que é inconstante muitas vezes, tornando o acesso instável”. (MELO, 2021, p. 19.)

Além dos problemas com a falta de internet, os estudantes também tiveram muita dificuldade no manuseio dos aparelhos eletrônicos, visto que eram sistemas novos e que exigiam, muitas das vezes, um conhecimento detalhado tanto para acessarem a sala de aula virtual, como também se comunicarem através do chat e outras ferramentas que o sistema disponibilizava, tais como: fóruns, anexos de atividades e visualização de materiais.

Como se não fosse o bastante, em alguns casos havia o compartilhamento do dispositivo com outros familiares, sendo necessário um rodízio para quem utilizaria o aparelho em determinado dia da semana. Na área rural, os desafios para esses estudantes foram ainda maiores, queda de internet, pouca conexão, dificuldade de acesso foram as principais reclamações desses estudantes em seus momentos de estudo, segundo a pesquisa nos revela:

“Problemas com internet surgiram nas respostas 17 vezes. As respostas foram uniformizadas para internet ruim e surgiram da seguinte maneira: queda de internet, pouca conexão, a internet às vezes cai, dificuldade de acesso, pois o acesso à internet às vezes falha, a internet falha, internet lenta demais, internet caindo, internet às vezes não sustenta, verificar sempre, internet lenta, quando cai o sistema por oscilações da internet, internet intermitente, falha na conexão da internet, internet de pouca qualidade, internet fraca, a internet falha, conexão caindo. Além de problemas com internet, os participantes também demonstraram, em menor grau, problemas com computador, em algumas respostas o problema evidenciado foi a falta de computador, em outras, o problema é relacionado ao treinamento do filho ou da babá para utilizar o computador: Um computador para trabalhar e o filho estudar, tive que arranjar cinco computadores, o que não é fácil para qualquer família, computador, pois acesso as atividades pelo celular, tecnologia: ferramenta computador”. (LUNARDI; NASCIMENTO; SOUSA; SILVA; PEREIRA & FERNANDES, 2021, p. 10).

Analisando todos esses dados, nota-se que não há somente um fator determinante que levou a desistência e/ou a evasão [mais uma vez] desses estudantes da sala de aula em tempos de isolamento social. Há um emaranhado de dificuldades encontradas dentro do ensino remoto que chegam não somente as residências dos estudantes, mas também de professores, coordenadores e gestores que realizam seus trabalhos e fazem com que essa relação entre família-escola não seja quebrada, mantendo o vínculo diário com toda a comunidade escolar.

Tendo em vista que os estudantes, no geral, na era da informação possuem milhares de informações com apenas um clique, o docente também precisa estar atualizado, pois novas ferramentas educacionais surgem para aprimorar e causam uma verdadeira revolução dentro de sala, sendo necessário que esses profissionais acompanhem essas mudanças pertinentes, caso contrário, o desconhecimento pode acarretar em sérios problemas, não somente para o profissional, como também no processo de ensino-aprendizagem. A evasão no ensino presencial era um problema que o país vinha conseguindo reduzir nos últimos anos, mas com a chegada da pandemia esse número voltou a crescer descontroladamente. Mesmo com a retomada do ensino presencial nos dias atuais, a tendência é que a evasão e a desistência desses estudantes aumentem ainda mais, se arrastando por anos.

Agora, essa forma de realizar as atividades escolares precisam se adaptar para abarcar os estudantes que não possuem toda essa estrutura, evitando a evasão, tendo em vista que o público da modalidade já vem sofrendo dificuldades e preconceitos em relação a suas formações. Ademais, que possamos através desse compartilhamento de ideias, repensar e fortalecer o papel das relações essenciais e contínuas da Educação em nosso campo de atuação. Todos esses estudantes em situação de vulnerabilidade durante a pandemia não temeram somente à contaminação do vírus, mas também de como sobreviver durante a falta de necessidades básicas em suas residências.

Podemos dizer que a fome, foi e sempre será uma das maiores dificuldades para continuarmos nossas atividades, sendo elas dentro ou fora dos muros escolares, cenário que se agravou com a chegada da pandemia, trazendo ainda mais desamparo e sofrimento a essa parcela da população brasileira. Nesse momento, ainda não há respostas e/ou saídas imediatas para sanarmos as inúmeras dificuldades encontradas com a chegada do ensino remoto na vida desses estudantes, mas podemos coletivamente levantar discussões e buscarmos caminhos para chegarmos a um processo educacional remoto de qualidade e que contemple todos e não somente uma parcela.

Por fim, ao discutirmos a Educação de Jovens e Adultos (EJA), devemos levar em conta não somente a realidade econômica dos estudantes, como também a política, a economia, a cultura e, no caso do estudo, a dimensão tecnológica, visto que são fatores que atravessam os muros escolares e se fazem presente no chão de sala, trazendo a todo o momento para a sala de aula novos recursos de caráter didático e metodológicos para se incorporarem no fazer pedagógico. Devemos considerar também que os impactos causados pelas mudanças tecnológicas nos dias atuais acabaram exigindo uma responsabilidade ainda maior da escola, em interagir no desenvolvimento técnico e científico do mundo contemporâneo, trazendo um leque maior de acesso às outras metodologias de ensino que sejam incorporadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gente tem um texto sobre nós, uma monografia sobre a nossa história, uma história que é igual a sua história... mas o bom dessa história é que ela é real.

Esta pesquisa teve por finalidade obter maior compreensão sobre as dificuldades no ensino remoto que impediram os estudantes da EJA de acompanharem as aulas diariamente, e que, possivelmente, resultaram na exclusão e/ou desistência desses corpos [mais uma vez] de buscarem a educação escolar. A partir do referencial teórico levantado como Paulo Freire (1987; 2000; 2013), Carlos Roberto Jamil Cury (2008); Sonia Rummert (2005); Robert Castel (2000) e Eveline Algebaile (2013) foram possíveis conhecer de maneira aprofundada a modalidade EJA, as transformações ocorridas ao longo do tempo, principalmente com a chegada da pandemia, além das leis que embasam e sustentam a modalidade.

Constatam-se a partir das análises de estudos recentes publicados sobre a temática que não há somente um fator determinante que resultou na exclusão e/ou desistências desses estudantes de frequentar a sala de aula no ensino remoto e, sim um conjunto deles que vão desde a falta de dispositivos eletrônicos a carência de recursos básicos, como por exemplo, a alimentação. Não se pode negar também dos avanços ocorridos no campo da EJA, mas apesar das transformações ainda há muito que melhorar, garantindo não somente o acesso desses estudantes a escola, como também garantir sua permanência a partir de práticas que venham incluir e integrar esses corpos, ao invés de excluí-los.

Tendo em vista o caminho percorrido dentro do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU) quanto dentro da Licenciatura Plena em Pedagogia, pretendo continuar os estudos voltados para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois acredito que ainda tenho muito a contribuir para o desenvolvimento do campo.

Por fim, tenho como planos para o futuro, uma especialização para aprofundar os conhecimentos, vista a necessidade de se construir uma EJA comprometida com mais equidade, ainda por cima, que trate as diferenças como um fundamento principal, cursar mestrado, dando continuidade aos estudos iniciados na graduação e por fim, o doutorado, onde retornarei para dentro das universidades, transformando realidades, onde poderei contribuir para/com a formação de novos profissionais, o que me faz ir de encontro ao pensamento de Paulo Freire (2000, p. 65-67) *“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda”*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGEBAILLE, Eveline. **A expansão escolar em reconfiguração.** Revista Contemporânea de Educação, v. 8, p. 198-216, 2013.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 20 de jul. 2022.

_____. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior à Distância.** Brasília: MEC, 2006.

_____. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educacional.** Lei 9394/96.

_____. **Lei Nº 13.979,** de 6 de Fevereiro de 2020.

_____. **Portaria Nº 343,** de 17 de Março de 2020.

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para a educação de Jovens e Adultos.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

CARVALHO, Habnieszley Pereira de; SOARES, Maria Vilani; CARVALHO, Sângela Medeiros de Lima; TELLES, Tamára Cecilia Karawecjczyk. **O professor e o ensino remoto: tecnologias e metodologias ativas na sala de aula.** Revista Educação Pública, v. 21, nº 28, 27 de julho de 2021.

CASTEL, R. As transformações da questão social. In: BELFIORE-WANDERLEY, M.; BÓGUS, L.; YAZBEK, M.C. (Org.). **Desigualdade e a questão social.** 2 ed. São Paulo: EDUC, p. 235-272, 2000.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **A educação básica como direito.** Cad. Pesqui., São Paulo, v. 38, n. 134, p. 293-303, ago. 2008.

FANTINATO. M., VARGAS. A. & MOURA. J. **"Não olha para a cara da gente": ensino remoto na EJA e processos de invisibilização em contexto de pandemia.** Revista Latinoamericana de Etnomatemática, 13(1), 104-124, 2020.

FERREIRA. Rosilene Gomes da Silva. **Pesquisa em ensino de ciências: proposta tecnológica para definição de projetos no contexto do Programa de Apoio à Iniciação Científica.** - Manaus: UEA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido,** 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da esperança [recurso eletrônico]: um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire.** – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos EJA.** São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, Cléia; CAVALCANTE, Valéria Campos. **Práticas Pedagógicas Da/na EJA Em Tempos De Pandemia: Desafios No Ensino Remoto.** 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2021.15.11.02>.

LIMA, Jucimara Bengert. **Formação continuada e desempenho estudantil: o caso de Araucária** – Paraná. Curitiba, 2010.

LOURO, Guacia L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pósestruturalista.** In: A construção escolar das diferenças. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

LUNARDI, Nataly Moretzsohn Silveira Simões; NASCIMENTO, Andrea; SOUSA, Jeff Barbosa de; SILVA, Núbia Rafaela Martins da; PEREIRA, Teresa Gama Nogueira; FERNANDES, Janaína da Silva Gonçalves. **Aulas Remotas Durante a Pandemia: dificuldades e estratégias utilizadas por pais.** Educação & Realidade, 46(2), e106662, 2021.

MELO, Cristiane Araújo de. **O ensino remoto emergencial em tempos de pandemia do Covid-19: a Educação de Jovens e Adultos (EJA) Ensino Médio na Escola Estadual Professora Maria Ocila Bezerril.** Pedro Velho / RN / Cristiane Araújo de Melo. - 2021.

MOREIRA, José Antônio Marques; SCHLEMMER, Eliane. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital online.** Revista UFG, Goiânia, v. 20, p. 1-35, 2020.

OLIVEIRA, Edinaldo Aguiar de. **Ensino remoto: o desafio na prática docente frente ao contexto da pandemia.** *Revista Educação Pública*, v. 21, nº 28, 27 de julho de 2021. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/28/ensino-remoto-o-desafio-na-pratica-docente-frente-ao-contexto-da-pandemia>>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

RUMMERT, Sonia. Jovens e Adultos trabalhadores e a escola. A Riqueza de uma relação a construir. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (orgs). **A Experiência do trabalho e a educação básica.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.